

Legado de Estadista

O sofrimento e morte do Presidente Tancredo Neves colocaram a Nação brasileira ante uma perplexidade tão intensa quanto era grande a esperança representada pela sua presença e pela sua atividade política. O Brasil e os brasileiros, mestres em desfazer momentos dramáticos num clima de cordialidade e informalidade, foram chamados de repente a viver uma situação legitimamente trágica — a queda depois da ascensão triunfal, o desastre ocorrendo na véspera da consagração definitiva, a sensação de orfandade geral.

Desde o fatídico 14 de março, estivemos atravessando um longo calvário — o do Presidente e o da Nação reunida à sua volta. Cumpre reconhecer que ambos comportaram-se bravamente. A resistência física e moral do Presidente atingiu dimensões heróicas; e enquanto lhe foi possível, o Presidente Tancredo Neves enviou sinais de otimismo à Nação. Animava-a com o seu exemplo, apoiado, por sua vez, numa extraordinária companhia; e por tudo isso, não há lembrança de outro momento histórico em que o país se visse de tal maneira irmanado.

O Presidente finalmente sucumbiu ao destino que o escolheu para um desmesurado sacrifício; e é como se uma parte da alma brasileira morresse com ele, enquanto a outra parte sente o mesmo peso do destino, e reflete sobre o porquê de um encadeamento de fatos que tem um ar de injustiça ou pesadelo.

Num momento tão inconfundível, a dimensão do sofrimento exige que a Nação se volte para si mesma, que consulte o seu foro íntimo para encontrar na própria dor motivos de soerguimento.

Essa reação moral é possível e necessária. Há um crescimento interior que vem da própria adversidade. Sem tentar aproximar casos diversos, pode-se lembrar que a energia atual de países como a Alemanha e o Japão está ligada, em boa parte, aos infortúnios que atravessaram por ocasião da última guerra mundial. Nesse mesmo conflito, a Inglaterra cresceu debaixo do sofrimento, até chegar ao que Winston Churchill quis chamar de “a nossa melhor hora”.

O Brasil também teve as suas tragédias domésticas, mesmo se conseguiu viver, até hoje, isolado das grandes convulsões mundiais. Foram crises graves o tempestuoso Governo Floriano Peixoto, ensangüentado pela Revolta da Armada; o movimento de contestação militar dos tenentes dos anos 20; a Revolução de 30, que provocou a Revolução Constitucionalista de 1932; o suicídio de Getúlio Vargas; a renúncia de Jânio Quadros; a ascensão e queda de João Goulart.

É possível, entretanto, que em nenhuma dessas crises as esperanças cívicas tenham sido tão brutalmente seccionadas como agora. Pois o sofrimento de agora parece bater violentamente a porta no rosto de um país que se preparava para um verdadeiro recomeço, depois de 20 anos de deformações políticas, sociais e econômicas.

É nesse sofrimento quase demasiado que cumpre olhar de frente o próprio país — e a obra do Presidente Tancredo Neves, que será o seu monumento imperecível. O país de hoje não é mais a província de outras crises, em que tudo se resolvia nos corredores dos palácios e dos quartéis. Em meio a dificuldades de toda ordem, encontra-se sob nossa responsabilidade uma Nação chamada a ter voz própria no cenário internacional.

Por todo o ano de 1984, esta Nação e os seus dirigentes de hoje dialogaram em alto nível. O Brasil pôs-se em movimento,

e encontrou novas lideranças — as que ocupam os postos cruciais da Nova República. Por sobre este amplo panorama, surgiu a figura exponencial de Tancredo Neves.

O Presidente falecido foi o último (ou o mais recente) de uma série de estadistas que souberam entender a Nação, esperá-la nas suas encruzilhadas. Toda a tradição política de Minas Gerais expressava-se na sua atividade de homem público; mas a esta herança atávica ele soube imprimir a sua marca pessoal — a marca do homem significativo, que vitaliza as instituições, que eleva-se até a altura dos momentos mais difíceis.

Coube a Tancredo Neves mostrar a um país agradavelmente surpreso que os brasileiros ainda poderiam falar uma linguagem comum; que depois de 20 anos de minoridade política, a Nação ainda era capaz de andar com suas próprias pernas; que suas fraturas não eram irremediáveis. Esse Brasil unido que sobrevive ao longo calvário do Presidente é um patrimônio de que ainda estamos longe de ter explorado todas as possibilidades; um patrimônio que está ao alcance de poucos, no mundo dilacerado em que vivemos.

Esta é a grande obra de Tancredo Neves, que se concretizou aos nossos olhos. Graças ao seu estilo inimitável, o país efetuou a mais difícil de todas as transições. Pode-se discutir longamente até que ponto a idéia original de Tancredo Neves sobreviverá aos embates e problemas que certamente surgirão. Mas esta não é a essência da questão. O que brilha e brilhará por muito tempo é o sacrifício pessoal de Tancredo Neves; um sacrifício que selou, com a força do sangue, a passagem de uma época para outra. Esse prodigioso exemplo, se não cria automaticamente novos estadistas como Tancredo Neves, empurra-nos para fora do comodismo e da mediocridade: desanimar ou agir mesquinamente, a partir de agora, é mostrar-se indigno das horas dramáticas e exemplares que terminamos de viver.

O Brasil de hoje não tem mais disfarces para a sua realidade própria. É um país que saiu da adolescência — é que se encontra provisoriamente órfão. Mesmo o homem maduro gosta às vezes de descansar na experiência de pessoas mais velhas — e as nações não são muito diferentes. A França confiava em De Gaulle; a Alemanha em Adenauer; e o Brasil confiava em Tancredo Neves.

Fomos violentamente privados do seu equilíbrio, da sua sabedoria, do seu senso de humor — sínteses das melhores virtudes brasileiras. Não se encontra do dia para a noite um outro Tancredo Neves. Temos o direito de chorar longamente a sua morte.

Mas temos o dever de dar prosseguimento à sua herança. Por maior que seja um homem público, ele não é maior do que a Nação. É à Nação que cabe agora dar sinal de vida — não de forma tumultuada, mas através das suas lideranças representativas. Tancredo Neves deu início a uma primorosa construção política. Reabilitou a idéia de “centro”, que tinha sido desfigurada pelas ideologias, e que surge agora como o ponto de equilíbrio entre correntes necessariamente distintas.

O Brasil descobriu, pela sua mediação e pelo seu exemplo, que não precisa dilacerar-se para alcançar alguma coisa. Há forças positivas agindo na nossa nacionalidade — as que Tancredo Neves, à frente de seus pares, pôs em movimento e dinamizou com o seu sacrifício pessoal.

Conservar e consolidar esse movimento é a melhor forma de honrar a memória do estadista que o país acaba de perder.